

Boas Horas

No outro dia falava com um amigo que está a trabalhar em Espanha, e falava-me das tapas, das esplanadas, do dia depois do trabalho. Contava-me como a seguir a um dia cansativo de trabalho conseguia ter tempo para conviver, falar, trocar ideias, *destressar*, recarregar baterias para o próximo dia. Conseguia “desligar” do trabalho por volta das 18:00 horas e tinha ainda umas horas largas até ao jantar e até o regresso a casa.

Numa primeira análise poderíamos cair no erro de pensar que provavelmente o seu emprego lhe permite essa qualidade de vida, e que provavelmente as suas responsabilidades são diminutas e que prefere apostar na vida face à carreira. Pois nada disto é verdade.

Acontece que na maioria dos países mais desenvolvidos, com o maior índice de produtividade, seja Espanha, ou por exemplo os países do norte da Europa, as pessoas trabalham efectivamente durante o seu horário laboral, e não têm a necessidade de esticar os horários para além das horas previstas, podendo depois ter ainda tempo para se cultivarem fora da empresa.

Como se explica então, que Portugal tenha dos níveis mais baixos de produtividade na Europa, e ao mesmo tempo seja um país em que as pessoas passam mais tempo nas empresas? Infelizmente as esplanadas não encham após as 18:00 horas, e está enraizado na nossa cultura um percurso típico: casa-trabalho e trabalho-casa.

A resposta pode ser encontrada em duas perspectivas. A primeira numa vertente de gestão: falhas e lacunas na gestão de tempo, gestão de prioridades, gestão do esforço, gestão das expectativas, entre outros. A segunda numa vertente de cultura: ao contrário do povo britânico, conhecido pela sua característica da pontualidade, e do povo germânico disciplinado e organizado, o português caracteriza-se pela ausência das anteriores.

Se ligarmos para uma empresa logo pela manhã, quantas vezes não conseguimos falar com quem desejamos, ou por não ter chegado ou porque ainda “não está a funcionar”. A verdade é que muitas vezes a pessoa até “pica o ponto” de manhã, mas apenas mais tarde, depois do seu café, é que começa a ser produtivo. Se é certo que o trabalho não fica por fazer, também não será difícil concluir que a pessoa terá de ficar para além da sua hora para o fazer.

A questão não é estar muitas horas no trabalho, mas sim boas horas no trabalho. Horas em que se é produtivo, e em que cada minuto vale. Uma mudança de atitude, não deve ser apenas exigida aos colaboradores, mas também às empresas. Se por um lado um profissional não deve deixar distrair-se com factores extra laborais, como mails pessoais, conversas via Internet, etc, também as empresas não podem condenar uma pessoa que saia à sua hora, depois de ter estado boas horas na empresa, em que foi produtivo, saindo com a consciência de quem cumpriu o dia.

Portugal tem de ser afirmar como um país moderno, rever a questão de mentalidades, e criar condições para uma mudança de atitude, previligiando a flexibilidade, adaptação e a produtividade. Em muitos casos, o ficar depois da hora pode ser justificável, mas não deverá ser a regra.

O que seria de Portugal, se às 18:00 horas os sistemas nos computadores nas empresas bloqueassem, eliminando qualquer possibilidade de um colaborador querer continuar a trabalhar, “obrigando” o mesmo a sair da empresa, e recarregar baterias para o próximo dia. Uma situação que está longe da nossa realidade, mas bem perto do nosso país, em muitas empresas instaladas no norte da Europa.

Hire & Trust - Executive Search

www.hire-trust.net